

# FEMINISMO DE VANGUARDA NO EGITO, ISLÃ E REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NA LITERATURA

## AVANT-GARDE FEMINISM IN EGYPT, ISLAM AND REPRESENTATION OF WOMEN IN LITERATURE

Maria Carolina Gonçalves<sup>1</sup>

Vitória Perpétuo Bruno<sup>2</sup>

Beatriz Berto Milanez<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo aborda o feminismo e suas especificidades no contexto do mundo árabe e dos países de maioria muçulmana, apresentando as pioneiras no Egito – como Aicha Taymur (1840-1902), Zaynab Fawwaz (1850-1914), Nabawiyya Mussa (1886-1951), Huda Chaarawi (1879-1947) e Malak Hifni Nassef (1886-1918), bem como nomes mais recentes, como Nawal El-Saadawi (1931-2021). São abordados os gêneros biográfico e autobiográfico, e também são mencionadas autoras como a libanesa Anbara Salam al-Khalidi (1898-1986) e a palestina Fadwa Tuqan (1917-2003). O artigo discute questões do feminismo em língua árabe e se volta à literatura árabe de autoria feminista e às representações das muçulmanas no Ocidente.

**Palavras-chave:** Islã; Feminismo árabe; Feministas pioneiras; Literatura árabe; Orientalismo.

**Abstract:** This article addresses feminism and its specificities in the context of the Arab and Islamic world and introduces pioneers in Egypt – such as Aisha Taymur (1840-1902), Zaynab Fawwaz (1850-1914), Nabawiyya Musa (1886-1951), Huda Sha'rawi (1879-1947), and Malak Hifni Nassef (1886-1918) – up to recent names such as Nawal El-Saadawi (1931-2021). The biographical and autobiographical genres are addressed and authors like Lebanese Anbara Salam al-Khalidi (1898-1986) and Palestinian Fadwa Tuqan (1917-2003) are also mentioned in this regard. The article discusses issues of feminism in Arabic and focuses on Arabic literature written by women and the representations of Muslim women in the West.

**Keywords:** Islam Arab feminism; Feminist pioneers; Arabic literature; Orientalism.

1. Doutoranda, Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução (PPG-LETRA), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo (USP), bolsista CAPES. Sua pesquisa de Doutorado é voltada ao feminismo na literatura egípcia do século XX, sobretudo as duas últimas décadas. E-mail: maria2.goncalves@usp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6773811044382936>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4817-4360>.

2. Doutoranda, Programa de Pós-Graduação em História Econômica (PPG-HE), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo (USP). Suas pesquisas são voltadas para o movimento anticolonial nacionalista egípcio, com ênfase nas relações de gênero no mundo árabe. E-mail: vitoriapbruno@usp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3599954891689182>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-8199-9698>.

3. Jornalista graduada pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Possui experiência na área dos Direitos Humanos, causas sociais e cultura. E-mail: beatriz.milanez@unesp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7143557990848820>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-5603-1177>.

## Introdução

Abordar o desenvolvimento do pensamento feminista nos países de maioria muçulmana enquanto pesquisadoras no Brasil envolve dialogar com ideias fortemente consolidadas na mentalidade ocidental sobre o que é o mundo muçulmano e, principalmente, quem são suas mulheres. Para o professor de Religião e Culturas Indo-Muçulmanas e Islâmicas de Harvard Ali Sultaan Asani, muitas pessoas, por total desconhecimento, não compreendem e nem apreciam a diversidade e as nuances dos fenômenos, muitas vezes agrupando-os sob um único rótulo (Ali Sultaan Asani, 2009: 3). Tal deturpação da diversidade sociocultural, especialmente do “mundo oriental”<sup>4</sup>, não é desvinculada do eurocentrismo da Idade Moderna, como apontado por Edward Said (2007) em “Orientalismo: O Oriente Como Invenção do Ocidente”.

No caso do Islã, a construção da relação de alteridade, fruto do colonialismo, foi bem sucedida em fixar na mentalidade europeia estereótipos que repercutem nas diversas esferas do pensamento. Quando somados à misoginia de sociedades patriarcais, os estereótipos orientalistas sobre o imaginário feminino foram responsáveis por subjugar a mulher muçulmana a uma dupla dominação imagética. Das representações da mulher árabe, há um movimento que ora associa esse grupo à sensualidade, promiscuidade e excentricidade; ora associa à opressão da religião islâmica, que teria em seus homens a representação da selvageria e da barbárie.

Ambas as representações correspondem às narrativas construídas sobre os processos históricos, seus agentes, organizações e pensamentos, que centralizam a agência masculina e reproduzem a noção de ausência de uma voz feminina. Tendo em vista que tal interpretação silencia a trajetória de mulheres e sua presença nos cenários políticos e literários árabes, o presente artigo propõe destacar algumas mulheres escritoras e suas produções a partir do século XX.

Apresentando as precursoras do feminismo árabe, com foco no Egito, há a intenção de evidenciar suas interpretações de mundo a partir de seus trabalhos, que associam as demandas e denúncias de uma sociedade patriarcal com os abusos cometidos pelo poder colonial. Entende-se que os trabalhos de Nabawiyya Mussa e Huda Chaarawi, analisados neste artigo, não só dizem respeito às reflexões sobre o papel da mulher na sociedade, mas também evidenciam a fluidez das ideias na sociedade egípcia e a coexistência de demandas nacionalistas, fundamentalistas islâmicas e feministas no campo sócio-político.

Além dessas pioneiras, o artigo trata também de nomes mais recentes e das inserções do feminismo na literatura em língua árabe ao longo do século XX. O artigo aborda ainda a forma como as escritoras árabes são representadas na literatura traduzida e divulgada

---

4. Entende-se por “mundo oriental” toda a diversidade sociocultural e geográfica que compartilha um passado colonial de exploração econômica, sociocultural e de imaginário por parte dos povos europeus.

em outros países e também na mídia ocidental, evidenciando a manutenção do pensamento orientalista e a importância do revisionismo histórico, que busca incluir as produções de mulheres nos debates históricos e literários.

### **Literatura árabe de autoria feminina e a escrita (auto)biográfica**

O aumento da visibilidade das mulheres no cenário literário árabe, em especial no Egito, e a ascensão do feminismo árabe-islâmico se relacionam com as mudanças políticas, econômicas, sociais e tecnológicas da transição do século XIX para o século XX. Como apontado por Marilyn Booth:

A década de 1890 foi um período de enorme crescimento na publicação de livros e periódicos, facilitando práticas emergentes de autoescrita. Duas décadas depois, um novo cenário social assistiu ao aparecimento do feminismo organizado no Egito, após trinta anos de debate enérgico, embora desigual, sobre a mudança de concepções normativas da intersecção apropriada entre o status de gênero, a sociedade e a economia nacionais e a classe. As linhas de escrita autobiográfica, frequentemente tênues, anexadas às assinaturas femininas emergiam à medida em que os discursos feministas surgiam entre os intelectuais sírios, egípcios e otomanos e as mulheres árabes se tornavam conhecidas como autoras e ativistas (Marilyn Booth, 2013: 36. Tradução nossa).

As condições materiais das duas primeiras décadas do século XX favoreceram a difusão do pensamento e a atuação de mulheres no cenário público por meio da imprensa moderna. Contudo, antes de se dedicarem à publicação de outros gêneros textuais, a tradução de obras estrangeiras e a escrita biográfica compuseram o principal campo de atuação das autoras que produziram suas obras entre os anos de 1890 e 1920.

Segundo Booth (2013), Aicha Taymur (1840-1902), reconhecida como uma das representantes do movimento de tradução de romances ocidentais, expandiu sua produção para a elaboração de poemas, cujo tema principal era a invisibilidade intelectual das mulheres:

Taymur se correspondeu com outras mulheres intelectuais e elogiou seus livros impressos, ligando suas próprias realizações a outras, como em um poema célebre. Composto convencionalmente como uma ode monorrítmica, o poema é carregado com uma retórica duplamente significativa, impossível de ser traduzida, mas cujo fio condutor é uma proclamação das habilidades das mulheres da elite e da persistência em atividades intelectuais, apesar de sua invisibilidade formal. Taymur explora os tropos do uso do véu e do sequestro baseado no gênero (que são ambos transmitidos pela palavra árabe *hijab*) para afirmar a preeminência das mulheres e a sua visibilidade intelectual (Booth, 2013: 47. Tradução nossa).

Por mais que Aicha Taymur se inserisse em um contexto de ampliação da intelectualidade nativa, a produção intelectual ainda era predominantemente masculina (Booth, 2013: 39). É nesse sentido que os esforços da egípcia em legitimar a produção e identidade de escritoras femininas no final do século XIX, através de seus poemas e retórica,

extrapolaram as expectativas de gênero de sua época ao posicionar a mulher enquanto sujeito do discurso (Booth, 2013: 47).

Na transição para o século XX, entre as diversas formas de participação na vida política e intelectual, houve uma intensa movimentação de mulheres que assumiram papéis na imprensa árabe como escritoras e editoras de livros e artigos cuja temática era a trajetória de suas conterrâneas. Mais que participar do debate público com suas produções, essas mulheres foram responsáveis por criar veículos de divulgação de seus trabalhos e ideias. Utilizando a tecnologia da imprensa e aproveitando a efervescência do pensamento contestatório, seja de caráter religioso ou nacionalista, grupos de mulheres de classe média egípcias ou sírio-libanesas residentes no Egito fundaram periódicos femininos, como o *Al-Farida* e *Al-Fatat* (Hoda Elsadda in Radwa Ashour; Ferial J. Ghazoul; Hasna Reda-Mekdash, 2007: 112). Entre os materiais publicados, percebemos a adesão dessas autoras ao gênero da biografia, sendo registradas a produção e a divulgação de quatro compêndios de biografias de mulheres no Egito no ano de 1910 (Marilyn Booth, 1995: 121).

Entre as representantes desse movimento de resgate de figuras femininas dentro da tradição literária biográfica, Marilyn Booth (1995) destaca o pioneirismo de Zaynab Fawwaz (1850–1914), libanesa residente no Egito. A autora identifica uma relação entre a tradição islâmica, que centraliza seus preceitos e história em torno de figuras masculinas, e a predileção das autoras do início do século XX no Egito pelas biografias e, posteriormente, autobiografias:

Esse gênero surgiu no século II A.H. porque a preservação avaliativa das histórias de vida era crucial para determinar a confiabilidade das fontes da *sunna* (palavras e práticas do profeta *Muhammad*, uma fonte da prática islâmica perdendo apenas para o Alcorão), começando com os Companheiros (*sahaba*), aqueles parentes e associados de *Muhammad* que foram os primeiros transmissores de hadith (Tradições, que constituíam a *sunna*). (Booth, 1995: 124. Tradução nossa).

Booth, em *Locating Women's Autobiographical Writing in Colonial Egypt* (Booth, 2013: 42), acrescenta que, ainda que autoras como Zaynab Fawwaz aderissem ao gênero da biografia, amplamente conhecido por apresentar figuras exemplares, não havia reconhecimento de seu trabalho por intelectuais homens. Tal situação, na interpretação de Booth, é derivada da crítica à interferência das autoras, como é o caso de Zaynab Fawwaz, no conteúdo do texto e da associação da temática – a vida de mulheres exemplares – com a prática conhecida como “fofoca”:

Além de se ligar aos sujeitos, Fawwaz inclui alguns conhecidos entre os seus temas e, assim, oferece vislumbres de si mesma como observadora e comentadora dessas vidas, notando que se baseou em histórias de informação oral que circulavam entre mulheres que conhecia. Isso leva Fawwaz ao domínio daquilo que é frequentemente denominado “conversa de mulheres” ou “fofoca”, que se torna uma fonte valiosa, pressupondo as redes de mulheres como canais confiáveis. O discurso das mulheres (muitas vezes menosprezado pelos escritores reformistas da época como uma perda de tempo ou algo pior) entra, assim, na “alta literatura” da biografia exemplar (Booth, 2013: 42. Tradução nossa).

A constituição de uma rede de comunicação oral de mulheres, mais que um meio de obter informações para a escrita das biografias de figuras femininas, serviu como forma de socialização de mulheres, uma vez que se inseriam em sociedades patriarcais e em contextos coloniais. Logo, a atribuição do termo “fofoca” não é desprovida de intencionalidade, e reproduz a lógica da inferiorização desse gênero textual e da escrita feminina.

O resgate da trajetória de figuras femininas com a adição de comentários de autoria da escritora, a exemplo do que fez Zaynab Fawwaz, contribuiu para a formação de um novo discurso a partir de biografias. A incorporação de mulheres nesse gênero questionou a exclusividade masculina histórica ao mesmo tempo em que buscou construir um novo referencial de comportamentos, entendidos como exemplares, para as mulheres leitoras:

Mas as biografias na imprensa feminina pressupõem e constroem uma leitora feminina ativa. Além disso, assumem um contexto compartilhado no qual a leitura tem o poder de mudar o sujeito que lê. A construção textual de um público leitor, aliada a um público-alvo de meninas em idade escolar, entre outros, fortalece a noção de que as biografias na imprensa feminina eram uma espécie de literatura de conduta, ao mesmo tempo exemplar e didática, que funcionava “apropriando-se de prescrições positivas em vez de imobilizar proibições”. A narrativa foi moldada por essas considerações de audiência (Booth, 1995: 140. Tradução nossa).

Portanto, a importância de produções biográficas no início do século XX no Egito está pautada pelo pioneirismo de autoras que procuraram escrever sobre mulheres para um público que não se limitava ao feminino, contribuindo, assim, para a visibilidade dessas personalidades.

Além das biografias, também são dignas de nota as autobiografias nas literaturas árabes do século XX. Um nome de destaque nesse sentido é o da egípcia Nabawiyya Mussa (1886–1951)<sup>5</sup>. Em sua obra autobiográfica “Minha história pela minha caneta” (*Tarīkhī bi-qalamī*), de 1937, registrou sua trajetória pessoal, seus pensamentos sobre a dominação estrangeira e de gênero, além de indicar seu envolvimento na luta anticolonial e seu compromisso com a educação feminina.

Na visão de Nabawiyya Mussa, a restrição à educação das mulheres não era um problema isolado, mas sim parte das limitações que um regime colonial impunha à sociedade. Quando se tratava das mulheres, contudo, tais situações eram agravadas pela condição do gênero (Nabawiyya Mussa, 1999: 21).

A autora foi uma das primeiras mulheres a obter o diploma de bacharelado em uma sociedade que restringia o acesso de meninas à educação. Em sua autobiografia, Nabawiyya Mussa afirma como sua conquista se tornou fator de curiosidade, situação essa que se

---

5. As obras autobiográficas “Minha história pela minha caneta” (*Tarīkhī bi-qalamī*), de Nabawiyya Mussa, e “Memórias de Huda Chaarawi” (*Mudhakkirāt Hudá Sha’rāwī*), de Huda Chaarawi, são objetos de estudo do Doutorado de Vitória Perpétuo Bruno, em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em História Econômica na Universidade de São Paulo (USP). A pesquisa aborda a construção da narrativa nacionalista egípcia nas autobiografias das duas autoras, em diálogo com o discurso anticolonial e feminista do início do século XX.

intensificou ao se tornar a primeira mulher a ocupar o cargo de diretora de escola no Egito. Esse fato atraiu a atenção das pessoas da comunidade, que buscavam conhecê-la, e motivou a matrícula de novas alunas (Mussa, 1999: 198)

Ainda em sua obra autobiográfica, Nabawiyya Mussa identifica outra situação de desigualdade de gênero durante sua atuação enquanto professora - a desigualdade salarial: “Eu fui nomeada professora na Escola *Abbas Al-Amiriya* por seis libras, enquanto o salário dos professores graduados do sexo masculino era de doze libras por mês” (Mussa, 1999: 112. Tradução nossa).

Além de denunciar a diferença entre os salários de professores e professoras, a egípcia aborda a questão do valor da mulher no Egito a partir das propostas de casamento. Assumindo uma postura de objeção ao casamento, a autora expõe sua indignação quanto à convenção social da reclusão feminina a partir do casamento. Para Nabawiyya Mussa, a precificação do corpo da mulher – representada pelo dote – e a desigualdade salarial e de prestígio desta em comparação com o homem seriam alguns dos grandes desafios que deveriam ser superados, visando ao rompimento com as relações de poder e de gênero.

As obras abordadas nos parágrafos anteriores são de autoria de escritoras egípcias ou residentes no Egito. Em outros países, como o Líbano, outras autoras também se dedicaram à escrita autobiográfica. É o caso de Anbara Salam al-Khalidi (1898-1986), que publicou, além de diversos artigos nos quais defendia a emancipação das mulheres, sua autobiografia sob o título “Uma viagem pelas memórias entre o Líbano e a Palestina” (*Jawla fi-l-dhikrayat bayn Lubnan wa Filistin*) em 1978. Além dos capítulos nos quais relata suas viagens e os episódios de sua vida pessoal, envolvendo temas como a infância, as relações familiares e o casamento, a autora trata também dos acontecimentos de sua época, como guerras e movimentos políticos no Líbano.

A autobiografia de Anbara Salam al-Khalidi traz ainda uma análise sobre o movimento feminista da época e as associações de mulheres. A autora elenca algumas pioneiras do feminismo, às quais dedica diversas páginas de sua obra, abordando as trajetórias dessas mulheres, seus feitos, suas publicações e sua relação pessoal com cada uma delas. Alguns nomes mencionados são Julia Tu’ma Dimichqiyya, que considera sua “professora e amiga”, Salma Sayigh (1889-1953), Ibtihaj Qaddura (1893-1967), Huda Chaarawi (1879-1947), ‘Adila Bayhum al-Jaza’iri (1900-1975) e Fatima al-Yashruti (1891-1978) (Anbara Salam Al-Khalidi, 1978: 155-161). Trata também das gerações mais recentes e da importância das pioneiras que as antecederam (Al-Khalidi, 1978: 161-164). A autora lista ainda as diferentes formas de organizações de mulheres de seu tempo e ressalta seu pioneirismo ao se unirem em associações que incluíam membros de todos os países árabes. “*Dessa forma, as mulheres árabes precederam seus países, que fundaram depois disso a Liga Árabe*” (Al-Khalidi, 1978: 150. Tradução nossa).



## ■ artigo

Na Palestina, a poeta Fadwa Tuqan (1917-2003) escreveu, além de diversas coleções de poemas, sua autobiografia, dividida em duas partes: “Jornada montanhosa, jornada difícil” (*Riḥlah jabaliyah, riḥlah ṣa‘bah*), de 1985, e “A jornada mais difícil” (*Al-riḥlah al-aṣ‘ab*), de 1993. Na autobiografia, sobretudo na primeira parte, a poeta relembra episódios que marcaram sua infância, como o dia em que foi proibida pela família de frequentar a escola, e critica o ambiente na casa familiar, que compara a uma prisão.

Nesta casa, entre seus muros altos que ocultam de todo o mundo externo as mulheres oprimidas do “harém”, foram-se a minha infância, adolescência e uma parte considerável da minha juventude.

Quanto à atmosfera familiar, é o homem que domina, como em toda casa. A mulher deve esquecer que a palavra “não” existe na língua exceto quando proclama que “não há deus senão Deus” nas suas abluções e orações. Quanto ao “sim”, é a palavra repetida como papagaio para ela desde que está sendo amamentada para que se torne posteriormente uma palavra grudada feito cola nos seus lábios por toda a sua vida (Fadwa Tuqan, 1985: 40. Tradução nossa).

Fadwa Tuqan relata os desafios enfrentados em sua trajetória literária, o uso de pseudônimos como Dananir (em referência a uma renomada poeta da literatura árabe antiga) no início de sua produção poética e as dificuldades para se estabelecer enquanto escritora. Menciona também a importância de outra poeta de seu tempo, a iraquiana Nazik al-Mala’ika (1923–2007), pioneira do verso livre árabe.

Atualmente, Fadwa Tuqan é considerada um dos principais nomes da poesia palestina. Em seus poemas, a inserção dos temas relacionados ao nacionalismo e à libertação palestina está estreitamente ligada a sua própria libertação pessoal<sup>6</sup>. A poeta relata ter saído do “harém” na primeira metade dos anos 1950. Afirma ainda que, no período em questão, a “queda” da Palestina, em referência à Nakba, ocorrida em 1948, coincidiu com a retirada do *hijab* do rosto das mulheres de Nablus, as quais já haviam lutado nos anos anteriores contra o uso do manto preto (Tuqan, 1985: 138).

Sendo assim, autobiografias de escritoras como a egípcia Nabawiyya Mussa, a libanesa Anbara Salam al-Khalidi e a palestina Fadwa Tuqan não se concentram apenas em suas vidas pessoais, mas se voltam também a questões políticas e sociais de seu tempo e aos acontecimentos em curso. As três autobiografias ressaltam o protagonismo das mulheres na história, na literatura e no movimento feminista.

### **Vozes pioneiras no Egito**

Abrindo caminho para outras escritoras e ativistas no cenário egípcio, autoras como Aicha Taymur e Zaynab Fawwaz foram sucedidas por uma geração de mulheres que, por meio

---

6. Uma análise mais aprofundada sobre a poética de Fadwa Tuqan está disponível na dissertação de Mestrado defendida por Maria Carolina Gonçalves (2022) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução (PPG-LETRA) da USP.

de seus textos e práxis, pensavam o papel feminino na luta anticolonial, representando o Egito ao discutir, simultaneamente, a influência das mulheres ocidentais e da religião islâmica na sociedade<sup>7</sup>. Deve-se levar em consideração que a coexistência de ideias no cenário sociopolítico egípcio representa a complexidade de uma sociedade que, no fervor de sua vida intelectual, apresentava as articulações femininas frente à presença estrangeira, a ascensão do nacionalismo e o fortalecimento do fundamentalismo religioso. Dessa forma, além de denunciar as opressões de sua sociedade, essas mulheres disputavam o debate público.

Para a historiografia tradicional, centralizada em personalidades masculinas e seus feitos, o início do feminismo árabe é atribuído ao movimento político nacionalista e concentra na figura de um homem o mito do pioneirismo: Qasim Amin (1863-1908), ativista político no movimento anticolonial egípcio e escritor da obra “A libertação da mulher” (*Tahrir al-mar’ah*), de 1899. Por mais que Qasim Amin promovesse a associação entre o ideal de emancipação nacional e a libertação das mulheres, e por conta disso tenha ficado conhecido como defensor da liberdade feminina, seu pensamento não propôs um rompimento das relações de poder pautadas pela desigualdade de gênero. Ao contrário, o autor reforçou as expectativas de gênero ao atribuir três responsabilidades às mulheres: “a primeira para si mesma, a segunda para sua família e a terceira para a sociedade à qual ela pertence” (Muhammad Najeeb Pi, 2015: 40. Tradução nossa).

Percebe-se que a disputa narrativa não se restringiu ao início do século XX e que a reprodução do discurso hegemônico masculino foi bem sucedida, ao passo que o pioneirismo do movimento feminista foi atribuído até anos recentes a um homem intelectual nacionalista, enquanto a atuação de suas contemporâneas foi pouco conhecida e difundida.

Entre as pioneiras egípcias, destaca-se Nabawiyya Mussa, mencionada no tópico anterior; uma das escritoras ativas no movimento intelectual feminista da primeira metade do século XX no Egito, tendo publicado nos jornais *Al-Farida* e *Al-Fatat* (Elsadda in Ashour; Ghazoul; Reda-Mekdashy, 2007: 112 ).

Contemporânea de Nabawiyya Mussa, Huda Chaarawi (1879-1947) é conhecida como a autora de maior repercussão do início do século XX no Egito. Representando o movimento intelectual e de libertação nacional, Huda Chaarawi simbolizou a reivindicação das mulheres da elite egípcia pela participação nos espaços públicos, tanto pelo meio institucional<sup>8</sup> quanto

---

7. Maria Carolina Gonçalves e Vitória Perpétuo Bruno, autoras do presente artigo, ofereceram um curso sobre a temática do feminismo e do Islã com foco em escritoras do Egito no segundo semestre de 2023, parte do evento III Diálogos sobre História – Ciclo de minicursos Online da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Cf. “A mulher e o islã: o feminismo das pioneiras até a atualidade”. Disponível em: [https://www.youtube.com/playlist?list=PlyK3iH-7-jB\\_5DdogW\\_dBxFuZ6Csal6sG](https://www.youtube.com/playlist?list=PlyK3iH-7-jB_5DdogW_dBxFuZ6Csal6sG). Acesso em: 24 maio 2024.

8. Huda Chaarawi foi responsável pela fundação da Associação Intelectual das Mulheres Egípcias, em 1914, do Comitê Central das Mulheres do partido político *Hizb al-Wafd*, em 1919, e da União Feminista Egípcia, em 1923. Devido à sua influência no cenário árabe, Huda Chaarawi foi eleita presidente da União Feminista Árabe em 1944, no momento de sua formação. (Ahmed, 1992: 172-178).



pela divulgação de seus ideais a partir da publicação nos periódicos femininos da época, como o *L'Egyptienne* ou *Al-Misriyya* (Rula B. Quawas, 2006: 221; Margot Badran, 1988: 13), e a publicação das “Memórias de Huda Chaarawi” (*Mudhakkirāt Hudá Sha’rāwī*), de 1981.

Leila Ahmed, em *Women and Gender in Islam: Historical roots of a modern debate* (Leila Ahmed, 1992: 172), expõe a atuação de Huda Chaarawi para além das organizações fundadas sob seu comando, indicando outras formas de ativismo feminista que surgiram no Egito nas duas primeiras décadas do século XX: a Sociedade do Renascimento da Mulher Egípcia, a Sociedade das Mães do Futuro e a Sociedade da Nova Mulher, todas fundadas por volta dos anos 1920 (Ahmed, 1992: 172). Além das reuniões e organizações voltadas às mulheres, a pauta da rede de apoio também era uma das bandeiras defendidas pelas feministas árabes, tendo em vista que “estabeleceram dispensários, creches e associações de caridade para mulheres, muitas vezes também servindo meninos e homens” (Ahmed, 1992: 173. Tradução nossa).

A capacidade de articulação de Huda Chaarawi e sua organização política fizeram com que o movimento de mulheres no Egito assumisse espaço no debate público e ocupasse esferas da sociedade civil.

Como representante das classes mais altas da sociedade egípcia e tendo se vinculado politicamente ao partido nacionalista *Wafd*, Huda Chaarawi manteve um ativismo político paralelo à atuação das feministas ocidentais. A egípcia se associou às mulheres ocidentais – em especial francesas, como o caso de Eugénie Le Brun, a Madame Rushdi – a partir de suas visitas aos salões literários femininos europeus.

Em um de seus relatos sobre um encontro no salão literário promovido por Eugénie Le Brun – conhecida como Madame Rushdi –, a egípcia aponta a discussão sobre o uso do véu e a crítica realizada pela francesa em relação à vestimenta islâmica:

Apesar da minha admiração pela vestimenta egípcia e pela magnificência e beleza que o *hijab* traz às mulheres, ao mesmo tempo sinto muito, porque impede a mulher de progredir e a priva de desfrutar por completo da educação e dos exercícios físicos, e por isso ela se expõe à obesidade. Além disso, nos círculos ocidentais, muitas pessoas pensam que o *hijab* é uma ferramenta para encobrir o que está escondido por baixo e, portanto, muitos turistas regressam ao seu país com uma ideia errada (Huda Chaarawi, 2013: 65. Tradução nossa).

É possível perceber diálogos entre o pensamento de Huda Chaarawi e as correntes do feminismo europeu. Em primeiro lugar, é evidente o papel dos encontros nos salões literários europeus e das palestras de figuras femininas europeias na fundação da Associação Intelectual das Mulheres Egípcias, como a própria autora afirma em suas memórias. Em segundo lugar, há uma semelhança entre as pautas defendidas pela egípcia e a história da luta feminista na Europa, como, por exemplo, a defesa da educação de mulheres e do sufrágio feminino. O envolvimento de Huda Chaarawi na defesa do “desvelamento”, portanto,

pode ser relacionado com sua proximidade com a cultura ocidental e suas reflexões sobre a libertação das mulheres egípcias, como abordado em suas memórias (Chaarawi, 2013).

Apresentando um discurso alternativo ao de Huda Chaarawi, Malak Hifni Nassef (1886-1918) procurou articular as demandas das mulheres com o discurso nativo e islâmico (Ahmed, 1992: 174) em suas publicações no jornal *Al-Jarida*. Entre suas críticas ao processo de ocidentalização que estava ocorrendo no Egito, Malak Hifni Nassef argumentou que a defesa da retirada do véu representava uma preocupação com a moda, não estando associada ao desejo de liberdade feminina (Ahmed, 1992: 180). Para a autora, o uso do véu não seria uma ordem divina ou uma questão de modéstia, mas sim uma imposição dos homens sobre os corpos femininos. Segundo Malak Hifni Nassef, o debate do véu deveria reivindicar a agência feminina frente à misoginia que pretendia determinar as atitudes, as posturas e os costumes das mulheres, tendo a adoção dos padrões ocidentais como ponto de partida:

Vocês [homens] devem dar às mulheres uma verdadeira educação e elevá-las profundamente, corrigir como as pessoas são educadas e melhorar seu caráter moral, de modo que a nação como um todo seja bem-educada. Deixe para ela escolher o que é mais vantajoso para ela e para a nação (Malak Hifni Nassef *apud* Ahmed, 1992: 180-181. Tradução nossa).

É de se questionar, ainda que não cause surpresa, o motivo pelo qual Malak Hifni Nassef é constantemente silenciada pela historiografia. Mesmo no discurso das feministas muçulmanas contemporâneas, que procuram resgatar o ativismo feminino nos debates públicos, quase não se encontram referências a suas pautas, pensamentos e publicações. Entretanto, é evidente que seu discurso é incômodo, direto e escancara a misoginia na sociedade egípcia:

Que caminho devemos seguir, que grupo seguir? A maioria de nós, mulheres, continuamos oprimidas pela injustiça do homem, que, em seu despotismo, nos comanda e nos proíbe, de forma que agora não podemos ter opinião nem sobre nós mesmas... Se ele nos manda velar, nós nos velamos; e se ele agora exige que nos desvelemos, nós nos revelamos, e se ele quer que sejamos educadas, somos educadas. Ele é bem-intencionado em tudo o que nos pede e em nosso nome, ou nos deseja mal? Não há dúvida de que ele errou gravemente contra nós... em decretar nossos direitos no passado, e sem dúvida ele erra gravemente... ao decretar nossos direitos agora (Nassef *apud* Ahmed, 1992: 181. Tradução nossa).

Como apontado por Ahmed, mesmo com uma retórica relacionada às demandas das classes média e alta, praticamente todas as feministas sofreram privações e penalidades na sociedade, independentemente das tensões sobre seus posicionamentos. De Malak Hifni Nassef a Huda Chaarawi, os sentimentos de não pertencimento, isolamento psicológico, exclusão, exílio interno e colapso mental foram compartilhados pelas mulheres que transgrediram a conduta feminina e as expectativas de gênero de sua época, sendo necessário recorrer a uma rede de apoio de mulheres que sustentava não só financeira e intelectual-mente, mas também física e emocionalmente as mulheres envolvidas no movimento feminista (Ahmed, 1992: 187-188).

## Feminino, feminista

Ao se discutirem os feminismos presentes nos países árabes, as complexidades começam pelo próprio termo “feminismo” em língua árabe. Em dicionários bilíngues, os termos *niswiyya* e *nisā’iyya* podem ser encontrados como sinônimos, referindo-se tanto ao feminismo quanto àquilo que é feminino, que pertence às mulheres de modo geral.

Foi a partir da década de 1990 que o termo *niswiyya* se consolidou em árabe em referência ao feminismo, substituindo o termo tradicionalmente empregado, *nisā’iyya* (Margot Badran e Miriam Cooke, 2004: XVIII). Embora essa escolha não seja definitiva, uma vez que ainda existe alguma ambiguidade entre essas palavras e o uso dos termos mais adequados para tratar do feminismo em língua árabe continua sendo discutido até hoje, havendo, inclusive, o uso de transliterações do inglês para o árabe, a opção declarada pelo termo *niswiyya* a partir daquela década indica que o tema era foco de debate nos países árabes.

Foi também na década de 1990 que a expressão “feminismo islâmico” foi consolidada nos países árabes (Badran e Cooke, 2004: XVIII). Com base em textos religiosos, principalmente o Alcorão, esse discurso reivindicava igualdade de gênero e justiça social. Badran e Cooke ressaltam que o discurso da corrente do feminismo islâmico dos anos 1990 não entrou em conflito com o feminismo secular, mas sim estabeleceu um diálogo.

Ainda de acordo com as autoras (Badran e Cooke, 2004: XVIII), escritoras árabes desse período passaram a discutir abertamente questões feministas após certa resistência a esses debates nas décadas anteriores. Um exemplo é Latifa al-Zayyat (1923-1996), que reflete sobre sua identidade enquanto mulher, egípcia e escritora:

Quanto às minhas obras criativas, estas carregam minha marca enquanto mulher e enquanto este produto histórico e social de uma sociedade específica num determinado período de sua evolução, e carregam minha marca enquanto esta mulher individual que eu sou [...]

Nossos escritos criativos, dessa forma, são diferentes dos escritos do homem que pertence à mesma sociedade à qual eu pertenço. Podem ser equivalentes, superiores ou inferiores artisticamente, mas em todos os casos são diferentes. Então por que foi difícil para nós reconhecer essa diferença? E por que me oponho e me oponho a qualquer tentativa de descrever minhas obras criativas como literatura feminina ou feminista? (Latifa Al-Zayyat, 1996: 18. Tradução nossa).

Assim como outras escritoras árabes, Latifa al-Zayyat relata que evitou que sua produção fosse relacionada a seu gênero devido às conotações negativas envolvendo a escrita de autoria feminina nos círculos literários árabes. Segundo Hoda Elsadda (2012: 152), foram atribuídas ideias negativas à palavra *niswiyya* ou “feminista” em árabe, como mulheres “masculinizadas”, “traidoras”, “agentes do Ocidente” e que “odeiam os homens”; e à palavra *nisā’iyya* ou “feminina”, que foi usada para sugerir uma forma “menor” de literatura em oposição a padrões literários considerados universais. Essa percepção

explicaria, segundo a autora, o motivo por que as escritoras rejeitaram durante décadas os termos mencionados.

Nos círculos literários egípcios, Hoda Elsadda (2012: 145-146, 153) aponta ainda expressões que foram usadas de forma pejorativa em referência às escritas de autoria feminina das gerações mais jovens, sobretudo a partir dos anos 1990, como “meninas”, “escrita de meninas” e “escrita do corpo”, expressões que circularam amplamente na mídia e em revistas literárias.

Diante dessas críticas, não é estranho o fato de que algumas escritoras árabes tenham recusado a classificação de seu posicionamento e de sua escrita como feministas. Essa rejeição também está relacionada à forma como essas escritoras são apresentadas, traduzidas, estudadas e divulgadas em outros países, muitas vezes ressaltando ideias pré-concebidas sobre sua escrita enquanto mulheres do mundo árabe e dos países de maioria muçulmana.

### **Recepção da literatura árabe de autoria feminina**

Sobre a publicação da literatura árabe escrita por mulheres e traduzida no Ocidente, Amal Amireh (1996: s.p.) defende que a recepção desses livros tem sido marcada historicamente pelas concepções estabelecidas previamente sobre o mundo árabe e o Islã. A divulgação desses textos com frequência destaca temas e estereótipos que não são centrais nas obras, mas que têm o potencial de despertar a atenção do público leitor, como o véu, o “harém” e outros elementos relacionados à mulher muçulmana.

Um exemplo significativo é o da egípcia Nawal El-Saadawi (1931-2021), considerada hoje uma das principais e mais destacadas escritoras árabes feministas<sup>9</sup>. A autora publicou contos, romances, artigos, ensaios e memórias e tratou de temas como sexualidade, opressão e psicologia envolvendo as mulheres árabes. Devido a seus posicionamentos, chegou a ser presa, em 1981, durante o governo de Anwar al-Sadat, junto de outras intelectuais egípcias, e foi ameaçada por grupos fundamentalistas islâmicos (Lisa Suhair Majaj, Paula W. Sunderman e Therese Saliba, 2002: 33). De modo geral, a recepção de sua obra nos países árabes motivou debates, mas também polêmicas.

Ao tratar dessas polêmicas, é importante levar em consideração a forma como a obra de Nawal El-Saadawi foi traduzida e divulgada em outros países até recentemente, com frequência ressaltando estereótipos relacionados ao Islã. Um exemplo é a obra “O rosto nu da mulher árabe” (*Al-wajh al-‘ārī lilmarʿat al-‘arabiyya*), de 1977. A tradução do título para o inglês, *The Hidden Face of Eve: Women in the Arab World*, não corresponde literalmente ao título em árabe. Apesar de Eva ser uma figura mencionada por Nawal El-Saadawi no

---

9. Uma pesquisa de Doutorado sobre escritoras recentes do feminismo egípcio, incluindo Nawal El-Saadawi, está sendo desenvolvida por Maria Carolina Gonçalves pelo PPG-LETRA da USP.

livro em questão, a autora trata também de outras figuras femininas na história e nas mitologias, como Ísis, uma das divindades do Antigo Egito. Assim, defendemos que não se justifica, em termos de tradução literária, o destaque à imagem de Eva no título.

Além disso, nota-se que capítulos inteiros foram excluídos ou modificados na tradução para o inglês, alterando significativamente o conteúdo da obra original. Quanto à capa, na edição de 2007 da editora Zed Books (Nawal El-Saadawi, 2007), é possível observar o destaque dado à imagem da mulher muçulmana com o véu, revelando apenas os olhos, uma questão que não é central na obra. As capas das edições em árabe, por outro lado, trazem ilustrações de mulheres que não têm características que as identifiquem como muçulmanas, ou ainda uma foto da própria autora.

O mais relevante sobre essa tradução para o inglês (a primeira edição foi publicada em 1980) é que ela foi base para outras, como a tradução para o português publicada no Brasil (Nawal El-Saadawi, 2002), que traduz o título do inglês, e não do árabe: “A face oculta de Eva: as mulheres do mundo árabe”. Essa edição também segue a tradução para o inglês no que diz respeito à capa, mantendo uma proposta que destaca a mulher muçulmana com o véu cobrindo todo o rosto, com exceção dos olhos.

Esse é apenas um exemplo entre tantas obras árabes de autoria feminina que passaram por alterações significativas nas traduções e foram divulgadas de forma a destacar estereótipos atribuídos ao Islã e ao mundo árabe de modo geral. Essa divulgação influencia em grande medida a recepção desses livros e suas autoras.

### **A representação da mulher muçulmana na mídia ocidental**

Além dos exemplos que podem ser apontados na área da literatura, conforme discutido no tópico anterior, destaca-se também a representação das mulheres pela mídia. Veículos de mídia ocidentais com frequência divulgam mulheres do contexto islâmico sob uma ótica orientalista, ressaltando estereótipos e expectativas do Ocidente sobre a mulher muçulmana.

Um exemplo é a imagem da afegã Bibi Aicha, que ilustra a capa de uma edição da revista estadunidense *Time*, de 2010<sup>10</sup>. Na imagem, da fotógrafa sul-africana Jodi Bieber, Bibi Aicha aparece, para além do véu, o que traz a simbologia de sua religião, com o nariz decepado após ato de violência praticado pelo marido.

Lila Abu-Lughod, em seu livro *Do Muslim Women Need Saving?* (Lila Abu-Lughod, 2013), analisa a construção da narrativa feita a partir da capa dessa revista e, ao fazê-lo, afirma que a justaposição da fotografia e a manchete – “O que acontece se deixarmos o Afeganistão?” – sugere que as mulheres muçulmanas sempre seriam vistas como vítimas

---

10. A imagem pode ser visualizada em: BAKER, Aryn. *Afghan Women and the Return of the Taliban*. 2010. Disponível em: <https://time.com/6258565/afghan-women-taliban-return-time-cover-2010/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

(Abu-Lughod, 2013: 27). A fotografia feita por Jodi Bieber reforçaria, então, a ideia ocidental de que mulheres que se encontram em contextos de diferentes culturas e religiões precisariam ser salvas da opressão.

Dessa forma, é perceptível o papel da fotografia para construir e reforçar a imagem de vítimas das mulheres muçulmanas e, por conseguinte, a imagem do Ocidente como seu salvador. Nesse sentido, em “Sobre Fotografia”, Susan Sontag (2004) já apontava para a forma como o fotógrafo, ou quem está em uma “outra realidade”, projeta no outro um valor de inferioridade: “a miséria social inspirou, nos bem situados, a ânsia de tirar fotos, a mais delicada de todas as atividades predatórias, a fim de documentar uma realidade oculta, ou antes, uma realidade oculta para eles” (Sontag, 2004: 69).

Nessa mesma perspectiva, Abu-Lughod subdivide o mundo entre cultura ocidental e cultura oriental, recriando e reforçando uma “geografia imaginativa”, sendo que, nesse cenário, a mídia ocidental assume o papel de agente reforçador da noção de que as mulheres muçulmanas “se arrastam silenciosamente envoltas em véus e burcas” (Abu-Lughod, 2013: 32. Tradução nossa).

Embora a análise de Abu-Lughod se detenha na capa da revista Time de 2010, fato semelhante pode ser observado 25 anos antes, corroborando a crítica da autora à narrativa construída pelos meios de comunicação. Trata-se de outra menina afegã, que também protagonizou a capa de uma publicação estadunidense, a revista *National Geographic*, na edição publicada em junho de 1985. Sharbat Gula tornou-se reconhecida pela imagem na capa da revista, na qual se destacam os olhos verdes. A imagem é acompanhada de dizeres que relacionam o olhar ao sentimento de medo atribuído aos refugiados afegãos<sup>11</sup>. A fotografia foi feita por Steve McCurry durante a invasão soviética no Afeganistão, quando Sharbat Gula fugiu de seu país natal e se refugiou no Paquistão. Conclui-se, mais uma vez, que imagens como essa alimentam a ideia de que mulheres muçulmanas precisam ser salvas. Duas décadas antes de Lila Abu-Lughod debater a questão da salvação das mulheres muçulmanas pelo Ocidente, Leila Ahmed já apontava que as práticas do Islã em relação às mulheres sempre fizeram parte da narrativa colonizadora europeia, marcada por uma noção de alteridade e inferioridade do Islã (Ahmed, 1992: 149).

Conclui-se que, na abordagem realizada pela mídia ocidental sobre mulheres muçulmanas, é reforçada a ideia exposta nos parágrafos anteriores de que essas mulheres precisam de salvação. Destaca-se o ponto de vista orientalista tanto nas imagens, a exemplo das capas das revistas mencionadas, quanto no conteúdo textual, que ressalta as ideias concebidas no Ocidente sobre o Islã e as mulheres muçulmanas.

---

11. A imagem pode ser visualizada em: *NATIONAL Geographic Magazine: 50 Years of Covers*. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/magazine/article/national-geographic-magazine-50-years-of-covers>. Acesso em: 15 mar. 2024.



## Conclusão

Este artigo debateu algumas especificidades do feminismo no contexto árabe e os debates envolvendo o tema, com foco no início do século XX. Uma série de ideias negativas foi atribuída à palavra “feminismo” nos países árabes, o que pode explicar o fato de ter havido a rejeição desse termo nos meios literários ao longo daquele século.

O artigo tratou do feminismo nos países árabes e de maioria muçulmana, notadamente o Egito, e deu ênfase a pioneiras como Aicha Taymur, Zaynab Fawwaz, Nabawiyya Mussa, Huda Charawi e Malak Hifni Nassef. Outras tantas escritoras nos países árabes não contaram com a mesma visibilidade. Essas autoras, tanto aquelas que são mencionadas em estudos e antologias quanto as menos conhecidas, ainda carecem de estudos aprofundados e publicações.

A escritora egípcia Nawal El-Saadawi, por outro lado, é renomada não apenas no Egito e nos países árabes de modo geral; sua obra foi traduzida para diversos idiomas em vários países. Ao tratar da divulgação de seus livros, contudo, notam-se exemplos de publicações que alteraram significativamente tanto o conteúdo quanto a proposta de título e de imagem da capa, o que afeta em grande parte a recepção de sua obra.

Diversas outras escritoras e suas obras traduzidas para outros idiomas ainda são publicadas e divulgadas com ênfase em estereótipos orientalistas ao atravessarem as fronteiras. São frequentes as capas de livros traduzidos que destacam temas como o “harém” e o véu, por vezes em obras que não têm esses elementos entre as questões principais. A crítica literária frequentemente reduz as escritoras a mulheres “oprimidas” ou, pelo contrário, mulheres que “ousaram” escrever apesar das condições em que vivem, em vez de discutir suas obras enquanto produções literárias.

Na mídia, também se observa a veiculação de estereótipos sobre as mulheres muçulmanas e a religião islâmica, o que contribui para propagar uma imagem orientalista dessas mulheres enquanto “vítimas” que precisam de “salvação”.

Dessa forma, faz-se necessária uma reflexão sobre os contextos de recepção e os interesses envolvidos na divulgação dessas escritoras e obras; e sobre os conteúdos relacionados a mulheres árabes e muçulmanas divulgados pelo meio editorial e pelos veículos de comunicação.

## Referências

ABU-LUGHOD, Lila. *Do muslim women need saving?*. Massachusetts: Harvard University Press, 2013.

AHMED, Leila. *Women and Gender in Islam: Historical roots of a modern debate*. New Haven/Londres: Yale University Press, 1992.

AL-KHALIDI, Anbara Salam. *Jawla fi-l-dhikrayat bayn Lubnan wa Filistin*. Beirute: Dār al-Nahār lil-Nashr, 1978.

AL-ZAYYAT, Latifa. Šahāda mubdi‘a. ‘Adab wa naqd, n. 135, p. 17-21, nov. 1996.

AMIN, Qasim. *Tahrīr al-mar’ah*. Cairo: al-Markaz al-‘Arabī lil-Baḥth wa-al-Nashr, 1984.

AMIREH, Amal. Publishing in the West: problems and prospects for Arab women writers. *Al Jadid, Cypress*, v. 2, n. 10, s.p., ago. 1996. Disponível em: <https://aljadid.com/content/publishing-west-problems-and-prospects-arab-women-writers>. Acesso em: 15 mar. 2024.

ASANI, Ali Sultaan. Exploring Muslim understandings of Islam. Cambridge, MA, *Harvard University Press*, p. 1-11, 2009. Disponível em: [https://cmes.fas.harvard.edu/files/cmes/files/asani\\_essay\\_final\\_1.pdf](https://cmes.fas.harvard.edu/files/cmes/files/asani_essay_final_1.pdf). Acesso em: 25 mar. 2024.

BADRAN, Margot. The feminist vision in the writings of three turn-of-the-century Egyptian women. *Bulletin, British Society for Middle Eastern Studies*, v. 15, n. 1/2, p.11-20, 1988.

BADRAN, Margot; COOKE, Miriam (ed.). *Opening the gates: an anthology of Arab feminist writing*. Bloomington: Indiana University Press, 2004.

BOOTH, Marilyn. Exemplary Lives, Feminist Aspirations: Zaynab Fawwāz and the Arabic Biographical Tradition. *Journal of Arabic Literature*, v. 26, n. 1/2, mar./jun. 1995, p. 120-146.

BOOTH, Marilyn. Locating Women’s Autobiographical Writing in Colonial Egypt. *Journal of Women’s History*, v. 25, n. 2, p. 36-60, 2013.

CHAARAWI, Huda. *Mudhakkirāt Hudá Sha’rāwī*. Cairo: Hindawi, 2013.

EL-SAADAWI, Nawal. *A face oculta de Eva: as mulheres do mundo árabe*. Tradução de Sarah Gierztel Rubin, Therezinha Ebert Gomes e Elisabeth Mara Pow. São Paulo: Global, 2002.

EL-SAADAWI, Nawal. *The Hidden Face of Eve: Women in the Arab World*. Tradução de Sherif Hetata. Londres: Zed Books, 2007.

ELSADDA, Hoda. Egypt. In ASHOUR, Radwa; GHAZOUL, Ferial J.; REDA-MEKDASHI, Hasna (ed.). *Arab women writers: a critical reference guide, 1873-1999*. Tradução de Mandy McClure. Cairo: The American University in Cairo Press, 2007, p. 98-161.

ELSADDA, Hoda. *Gender, nation, and the Arabic novel: Egypt, 1892-2008*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2012.

GONÇALVES, Maria Carolina. *O nacionalismo no verso livre de Fadwa Tuqan*. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras Estrangeiras e Tradução) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

MAJAJ, Lisa Suhair; SUNDERMAN, Paula W.; SALIBA, Therese (ed.). *Intersections: gender, nation, and community in Arab women’s novels*. Syracuse: Syracuse University Press, 2002.

MUSSA, Nabawiyya. *Tarīkhī bi-qalamī*. Terceira edição. Cairo: Women and Memory Forum, 1999.

## ■ artigo

NAJEEB PI, Muhammad. *Islamic Feminism: A critical analysis on Qasim Amin's Thahrirul Mar'ath*. A Dissertation Submitted In Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Master in Islamics and Human Sciences (Da'wa And Comparative Religion). Darul Huda Islamic University, June, 2015.

QUAWAS, Rula B. "A Sea Captain in her Own Right: Navigating the feminist thought of Huda Shaarawi". *Journal of International Women's Studies*, v. 8, n. 1, p. 225, 2006.

SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras: 2007.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TUQAN, Fadwa. *Al-riḥlah al-aṣ'ab*. Amã: Shorouk, 1993.

TUQAN, Fadwa. *Riḥlah jabalīyah, riḥlah ṣa'bah*. Amã: Shorouk, 1985.



Artigo licenciado sob Licença Creative Commons (CC-BY-NC-SA)  
<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>